

## **DOIS DEDOS DE CONVERSA...**

### **COM O ESCRITOR JOÃO MANUEL RIBEIRO**

#### **Entrevista da Turma 11, 4.º ano, Laginhas**

No dia 17 de fevereiro, o Centro Escolar de Laginhas recebeu a visita do escritor João Manuel Ribeiro. Revelou-se muito simpático e divertido. Depois, deixou-se entrevistar, permitindo que o conheçamos melhor.

#### **1 – Sempre quis ser escritor?**

R: Sim. Sabem que desde o dia em que eu nasci até ao dia em que eu entrei para a escola vivi sempre com o meu avô. Ele, apesar de ser um homem que só tinha a quarta classe, era muito esperto. Muito cedo percebeu que tinha ali uma criança que tinha de educar e entreter. Então, começou a tocar para mim, a cantar para mim, a contar-me histórias todos os dias, à noite, a ensinar-me cantilenas, lengalengas... Quando eu cheguei à escola levava a cabeça cheia de histórias e os ouvidos cheios de sons. O meu avô fez com que eu me apaixonasse pelas palavras porque eu desde muito pequenino que tenho um contacto e uma cumplicidade com as palavras e, por isso, desde pequeno que quis ser escritor.

#### **2 – O que mais gostava de fazer na sua infância?**

R: Eu, na minha infância, gostava muito de brincar... Sobretudo de brincar com o meu avô. Sabem que tenho memórias dele que são fantásticas. Ele era agricultor. No verão, depois do almoço, ele deitava-se debaixo de uma laranjeira, à sombra, a dormir uma sesta e eu deitava-me em cima do peito dele. Gostava imenso de ir com ele para o campo. Ele ia regar e eu ficava a fazer bigodes com barbas de milho. Às vezes, passávamos tardes inteiras com os pés dentro da água, no rio, a brincarmos. Muitas vezes convidava-me a dançar com as bonecas de trigo. Tudo isto está escrito num livro que se chama “Meu avô, Rei de Coisa Pouca”. É um livro autobiográfico, isto quer dizer que tudo o que lá está é verdade. O que não é verdade vocês percebem. Por exemplo, naquele capítulo que diz “O amigo da bicharada”, eu começo por

contar uma história que diz “Quando acordei ...” e vocês percebem que o que eu contei anteriormente foi um sonho. Eu contei-o para mostrar que o meu avô era muito amigo da bicharada. Naquele capítulo “A romãzeira e a menina”, por exemplo, vocês ao lerem percebem que foi uma forma que eu encontrei de dizer que o meu avô amava muito a minha avó, e vice-versa, e que eles encontraram uma maneira de mostrar o seu amor.

### **3 – Gosta mais de escrever para adultos ou para crianças?**

R: Eu costumo dizer, na brincadeira, que os adultos são uns “chatos”. Porquê? Porque quando eu escrevo para os adultos não recebo de imediato o seu feedback, ou seja, não sei se gostam, se não gostam, se lhes agrada ou não e isso é estranho. Mas eu descobri que não escrevo nem para adultos nem para crianças. Eu escrevo para quem me lê. Eu tenho muitos amigos e muitos adultos que leem aquilo que supostamente são livros para crianças. A resposta politicamente correta seria, eu gosto mais de escrever para crianças. A verdade é que eu escrevo e depois pode ser lido por adultos ou por crianças ou por qualquer pessoa.

### **4 – É divertido escrever para crianças?**

R: É divertido sobretudo em alguns domínios. Eu costumo dizer que escrevo três tipos de livros: os livros de histórias ou narrativas, os livros de poesias e os livros de brincadeiras. Os livros de brincadeiras são livros em que brinco com os provérbios, com as expressões idiomáticas. Eu tenho um livro que se há de chamar “Histórias de rir e chorar por mais”, que são anedotas, que eu reescrevo e reinvento. Mas é mais divertido escrever para crianças. Porquê? É mais divertido porque um adulto espera que um escritor escreva coisas sérias e rigorosas, ao passo que vocês são mais permissivos, permitem que eu escreva o que me vai na cabeça.

### **5 – Em que é que se inspira para escrever?**

R: Essa é uma pergunta muito interessante. Eu escrevo baseado naquilo que eu vejo, ouço, cheiro, sinto e toco. Eu costumo dizer que eu sou como um cãozito de orelha arrebitada e rabito a dar a dar. Quando ele está assim significa que está à cata de alguma coisa. Então os sentidos são aquilo que eu

capto para escrever, isto em primeiro lugar. Em segundo lugar, eu vou buscar ideias para escrever nos livros que eu leio. Os livros que eu leio são uma tremenda fonte de inspiração. Por exemplo, eu tenho um livro chamado “O rapaz sem orelhas de burro” que nasceu de um dia eu ter lido com outros olhos a história: “O príncipe com orelhas de burro”. Eu li essa história e disse “- Vou escrever uma história que comece onde acabe esta.” É fundamentalmente aí que eu vou buscar as ideias.

## **6 – Por que é que decidiu escrever histórias infantis?**

R: Eu não decidi. Eu comecei a escrever para vocês assim por acaso. Eu era professor num colégio e a determinada altura pediram-me para escrever uma história de Natal. Eu achei que era uma tontice e disse logo que não. Mas naquele mesmo dia em que me fizeram aquele pedido eu fui para casa e sentei-me à secretária e escrevi uma história de Natal. Eu gostei tanto que pedi a uma amiga que fizesse as ilustrações. Passado algum tempo, cheguei ao colégio com desenhos feitos e a história. Publicaram o livrinho e venderam 11000 exemplares. O livro chamava-se “A história e o príncipe da paz”. Vendeu bem, porquê? Porque estava bem escritinho, as histórias eram bonitinhas e o livro custava 50 cêntimos... No colégio toda a gente comprou o livro. O livro era muito baratinho e a ideia era transmitir a história de Natal. Mas para mim foi muito importante porque pensei “Se calhar tenho jeito”. No ano seguinte tornei a escrever outra história, no ano a seguir escrevi outra história para o colégio e em 2008 publiquei o meu livro a sério - “O rondel de rimas para meninos e meninas”. Este foi o primeiro livro que publiquei, já vai na 3ª edição e foi publicado na Colômbia... É interessante...

## **7 – Onde e quando é que gosta de escrever?**

R: Eu gosto de escrever onde calha. Por exemplo, se eu vos mostrar o meu telemóvel tenho lá uma pasta com textos que eu escrevi e que ainda não estão trabalhados. Por exemplo: “Por que precisamos de palavras para dizer o que são as palavras?”; “O coração é um fruto sempre temporão se o amor depenica.” Vocês já viram um passarito a depenicar um diospiro? Portanto é essa a ideia que eu pretendo transmitir. Eu escrevo em qualquer lugar. Claro que o que eu escrevo no telemóvel não é definitivo. Eu escrevo a ideia e depois

vou trabalhá-la. Isto com poemas. Quando é uma história é diferente. Por exemplo, eu estou a escrever uma bibliografia de um poeta de Amarante, Ilídio Sardoeira, e ando a fazer leituras, a tomar notas e apontamentos porque é um livro mais complicado e aí escrevo em casa. Gosto sobretudo de escrever ou de manhã, quando a vida está um bocadinho serena, ou à noite porque eu não gosto de ser interrompido, preciso de algum sossego.

### **8 – Como reagiu ao escrever o seu primeiro livro?**

R: É uma sensação muito boa. Quando escrevi “O rondel de rimas para meninos e meninas”, foi apresentado ao público e venderam-se 230 livros. Porquê? Porque estavam lá todos os meus amigos. Todos compraram o livro. Eu hoje já não faço apresentações de livros, em livrarias, porque os meus amigos dizem: “É mais um livro.”... Por isso, para mim é muito especial.

### **9 – Onde é que sente mais confortável, na prosa ou na poesia?**

R: Eu sinto-me muito mais confortável na poesia. Eu vou utilizar uma linguagem muito simples “A poesia é a minha praia.”. Agora deixem-me contar-vos uma outra coisa. Um dia eu fui a uma escola falar do livro “Meu avô – Rei de coisa pouca” e naquele encontro fizeram-me essa pergunta. Um rapaz que estava lá levantou logo o dedo muito aflito e disse: “- Eu posso responder por ti?”. Eu achei estranho como é que alguém queria responder por mim a uma pergunta. Ele proferiu: “- Mas eu quero responder antes de ti.” Eu disse: “- Diz lá, estás aí tão aflito.”. E ele respondeu: “- Sabes, eu acho que tu só escreves poesia mesmo quando escreves prosa.”. E eu gostei tanto disso. Sabem porquê? Na cabeça da maior parte de nós há a ideia de que a poesia são rimas. Que a poesia são versos. Na poesia apesar de haver rimas e versos, na maioria dos casos não é simplesmente isso. A poesia acontece quando uma emoção encontrou o seu pensamento e o pensamento encontrou as palavras, ou seja, quando nós juntamos estes três ingredientes: o coração, a cabeça e as palavras e amassamos isso muito bem amassado e levamos ao forno, pode ser que aconteça poesia.

### **10 – Qual é a melhor parte de escrever e de ver um livro seu publicado?**

R: A melhor parte é ver o livro lido. Quando eu vou a uma escola podem não comprar muitos livros mas se eu vir que leram um livro, que o trabalharam, essa é a minha satisfação maior porque ao princípio nós escrevemos pelo prazer de escrever, depois quando isso se torna muito comum o que é importante é o feedback que se recebe dos leitores, a resposta/ o eco dos leitores.

### **11 – O que sente por ser um escritor lusófono?**

R: Eu sentiria o mesmo se fosse francófono, anglófono... Sabem que eu gosto muito de cultura francesa e belga. Um dia destes mandei vir, de uma editora belga chamada “Ementa da sobremesa da lua”, uns livrinhos com uns poemas que eram muito caros. Eram caros, pequeninhos mas eram giros e eu pensei: “Só países cultos como a França ou a Bélgica conseguiriam vender estes livrinhos a este preço!”. Mas é bom ser escritor português, tenho muita honra e muito gosto na língua de Camões.

### **12 – Por que é que os leitores devem ler os seus livros?**

R: Nunca me tinham feito essa pergunta... É uma pergunta difícil de responder porque eu acho que algumas histórias são interessantes sob o ponto de vista da imaginação. Levam-nos a imaginar e a sonhar mundos novos. Depois, porque, apesar de tudo, está bem escrito em termos de português. Eu procuro fazer um esforço no sentido de que aquilo que eu escreva esteja muito bem escrito.

### **13 – Que livro aconselha a ler aos leitores mais jovens?**

R: Eu aconselho a ler “Meu avô, Rei de coisa pouca” quando se trata de narrativa. Aconselho a ler, por exemplo, na mesma linha “A casa dos feitiços” ou “A casa da poesia” e na linha das brincadeiras “O encrava línguas”. Estou a recomendar um livro de cada área. Na área da narrativa, da poesia e das brincadeiras.

**14 – Tem alguma ideia da faixa etária que mais lê os seus livros?**

R: Tenho. A faixa etária que mais lê os meus livros é o grupo de alunos do primeiro ciclo.

**15 – Em que projeto trabalha neste momento?**

R: Eu neste momento estou a trabalhar em três ou quatro projetos ao mesmo tempo. Já vos falei que estou a escrever uma bibliografia para crianças de Ilídio Sardoeira. É um senhor de Amarante que na década de 70 publicou no jornal “O Comércio do Porto”, ao lado de Matilde Rosa Araújo, um conjunto de contos. Acontece que este senhor faleceu em 1976 e ficou esquecido. Eu apaixonei-me pelos textos dele e decidi escrever a sua bibliografia. Estou a escrever também um livro de poemas chamado “Palavras” porque eu já vos tinha dito que sou um apaixonado pelas palavras. O terceiro projeto é um livro que se chama “E se um dia a Paz...”, são poemas sobre as questões da paz e da guerra, a propósito do Iraque e da Síria, que me incomodam um bocadinho. São fundamentalmente estes os meus projetos.

Finalizámos a nossa entrevista, agradecendo a disponibilidade e a atenção que nos foi prestada pelo escritor João Manuel Ribeiro e dedicámos-lhe uma canção intitulada “A palavra pequeninha”, cuja letra era da sua autoria.

Depois o escritor apresentou-nos alguns dos seus livros e presenteou-nos com algumas melodias engraçadas baseadas nos seus poemas.

Que manhã divertida! Ainda mais por terminar com estes dois dedos de conversa!

**Turma 11 – 4º ano**